

**"ALGUNS ASPECTOS DA TEATRALIDADE SIMBOLISTA EM
PELLÉAS ET MÉLISANDE DE MAURICE
MAETERLINCK"**

Adalberto Luis Vicente

Segundo Anna Balakian, a crítica, "baseando-se nas idéias convencionais do que constitui um teatro bem sucedido", aponta entre os defeitos do teatro simbolista a "falta de crise ou conflito", "a ausência de uma mensagem ideológica" e "nenhuma caracterização ou oportunidade de representação". A falta de tais elementos sugere que a teatralidade simbolista não se apóia em nenhum deles. Pretende-se aqui levantar alguns aspectos da teatralidade simbolista, tomando como referência a peça Pelléas et Mélisande (1892) do dramaturgo belga Maurice Maeterlinck. O objetivo é mostrar que a teatralidade, nesta peça, apóia-se sobretudo na organização de um espaço cênico criado segundo a concepção de mundo expressa pela filosofia simbolista.

Ao analisar o espaço cênico em Huis Clos de Sartre, Michael Issacharoff, num artigo intitulado "Le visible et l'invisible" (Le Spetacle du Discours), faz notar que o espaço no teatro é duplo. Enquanto na narrativa este é

dado unicamente através da linguagem, no teatro, o espaço é dado pelo diálogo das personagens (espaço extracênico) e pelo espaço cênico. Em Pelléas et Mélisande, o espaço cênico é dado de maneira sucinta pelo paratexto no início de cada cena; mas este é ampliado, detalhado pelo diálogo das personagens. Há certas cenas nas quais a ênfase está no espaço cênico. São cenas que não dão uma contribuição efetiva ao desenvolvimento do enredo (cena IV do primeiro ato). Podemos verificar que Pelléas et Mélisande não se sustenta tanto pelo jogo de forças dramáticas. Trata-se de um enredo simples, presente na literatura de várias épocas: a paixão de dois irmãos pela mesma mulher. Golaud, príncipe herdeiro do trono de Allemonde, ao perder-se numa floresta durante uma caçada, encontra Mélisande. Casa-se com ela e após alguns meses de ausência, o casal retorna ao país. Ali, Mélisande conhece Pelléas, irmão de Golaud e os dois se apaixonam. Golaud, dominado pelo ciúme, acaba matando Pelléas e ferindo Mélisande, que morre, não sem antes dar à luz uma criança prematura. Esta simplicidade sugere que a teatralidade apóia-se sobretudo na organização do espaço cênico. Esta organização fundamenta-se sobretudo na filosofia simbolista que divide o universo

em dois polos: de um lado o mundo sensível ou visível e de outro o mundo invisível. Estes polos, na verdade, são complementares e o mundo visível só interessa na medida em que é signo, símbolo do invisível. A realidade sensível que nos cerca constitui aquela "floresta de símbolos" de que nos fala Baudelaire no seu soneto "Correspondances". Em Pelléas et Mélisande, o espaço cênico organiza-se em função dessa "analogia" entre o visível e o invisível. O teatro torna-se, então, o "locus" apropriado para as manifestações do transcendente na realidade objetiva.

Na cena 1 do primeiro ato, o paratexto nos dá como espaço a porta do palácio. As servas (do interior) batem à porta para que o porteiro abra a fim de que elas possam lavá-la. Esta porta que se abre para o público parece ser um convite para que este penetre no espaço dos símbolos e analogias. Nesta mesma porta, mais tarde, serão encontrados Mélisande e Golaud feridos, a porta estará manchada de sangue. A lavagem da porta - e aqui estamos diante de uma cerimônia de purificação antecipada - é pois impossível como sentenciar a última fala do porteiro que fecha a cena:

"Oui, oui, versez l'eau, versez toute l'eau du déluge; vous n'en viendrez jamais à bout..."

O espaço é sobretudo fechado (floresta, gruta, salas e quartos do palácio) ou circunscrito (diante do palácio rodeado por espessa floresta). Mélisande sente-se infeliz neste espaço fechado, signo da prisão em sua própria fatalidade. Pelléas, por sua vez, sempre está tentando partir sem conseguir libertar-se deste mesmo espaço. O rompimento com o espaço fechado só será possível com a morte dos amantes.

Um dos objetivos centrais de Maeterlinck é a criação de um espaço que signifique. E para isso, introduz signos que deixam transparecer um dos motivos fundamentais da peça: a presença constante da morte. O grande e estranho navio presente na cena IV do primeiro ato lembra o barco de Caronte; podendo-se ver nele um signo de morte. A simbologia da morte reafirma-se através de outro elemento sempre presente, a água. Trata-se de "águas dormentes", "águas mortas" que segundo Gaston Bachelard são "leçons matérielles pour une méditation de la mort" (L'eau et les rêves).

Há ainda outro elemento que contribui pa-

ra o modo como o espaço cênico é captado pelo espectador (ou pelo leitor): o jogo de luz e sombra usado por Maeterlinck. As nuances e variações entre luminosidade e obscuridade dão dinamismo a algumas cenas, ao mesmo tempo que dão ao espaço cênico a impressão de que este é uma realidade de sonho, imprecisa e evanescente. Este procedimento pode ser comprovado, por exemplo, no diálogo entre Pelléas, Mélisande e Geneviève na cena IV do primeiro ato onde temos várias referências à luminosidade do cenário observado pelas personagens: "Il fait sombre dans le jardin", "Regardez de l'autre côté, vous aurez la clarté de la mer", "...nous cherchions la clarté...", "...les lumières sont très hautes...", "...il y a une brume sur la mer...", "On ne voit plus rien sur la mer...", etc.

Esses poucos elementos permitem concluir que, em Pelléas et Mélisande, o espaço cênico é criado para possibilitar a leitura do transcendente. Utilizando-se de símbolos, este teatro consegue revelar, mas de maneira velada, pois o símbolo também esconde, o mundo invisível, criando no espectador a sensação do estranho e do misterioso.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston - L'eau et les rêves. Paris: Lib. José Corti, 1971.
- BALAKIAN, Anna - O simbolismo. Trad. de J.B.A. Caldas, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1985.
- ISSACHAROFF, Michel - "Le visible et l'invisible (Huis Clos)". In: Le spectacle du discours. Paris: Lib. J. Corti, 1985.
- MAETERLINCK, Maurice - Pelléas et Mélisande. Bruxelles: Editions Labor, 1983.
- MICHAUD, Guy - Message poétique du symbolisme. Paris: Nizet, 1966.
- PEYRE, Henri - Qu'est-ce que le symbolisme? Paris: Lib. J. Corti, 1971.